



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14994 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 04 - Didática

ENSINO DE ARTE, FRUIÇÃO E APRENDIZAGENS: ARTE URBANA DO GRAFITE

Jhon Maykel Fernandes - UFG - Universidade Federal de Goiás

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

ENSINO DE ARTE, FRUIÇÃO E APRENDIZAGENS: ARTE URBANA DO GRAFITE

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás com o título “Arte urbana do grafite: entre muros e paredes de uma escola pública de Goiânia”. Apresentamos, como resultado da pesquisa, uma análise das possibilidades educativas da arte do grafite no ensino de artes em escolas. Reconhecemos, ainda, que a multiplicidade de imagens no espaço urbano possibilita novos modos de ver e novos diálogos que reverberam no contexto do ensino de Arte na escola. Apresenta-se um viés didático transdisciplinar e intercultural na relação com a arte urbana e a didática específica no ensino de Arte.

INTRODUÇÃO

O Grafite, como imagem ou obra de arte, é uma arte com conceitos, relações de domínio, dominação e formas de expressão. Com isso, o ensino da Arte mostra sua importância diante da complexidade das imagens e práticas artísticas contemporâneas. Pretendemos, então, demonstrar a importância de um olhar crítico tanto no ensino quanto na aprendizagem da Arte, levando em conta as mais variadas imagens que, cotidianamente, são apresentadas, principalmente no espaço urbano.

Os muros da cidade, repletos de imagens do grafite, trazem uma nova

linguagem para o domínio público, ao fugir da padronização ideal de uniformidade visual. Amaral (2020), amplia nosso olhar sobre as imagens do Grafite, ao falar sobre suas cores vibrantes comunicadoras de uma outra realidade, com tendência a se tornar dominante e oposta à monocromia urbana. Assim, inseridas nesse contexto, de interações e tramas culturais, as imagens se colocam como construções simbólicas e político-ideológicas, promotoras de fazeres e práticas de significação através de interações dialógicas. Elas têm seu papel educativo, pois permitem nosso posicionamento como sujeitos no processo educacional, refletindo novos modos de ver, ser e viver.

NOVAS POSSIBILIDADES DE LEITURA E MODOS DE VER A PARTIR DA ARTE URBANA

O espaço da cidade é marcado pelo excesso de imagens. Os elementos da publicidade e propaganda são nascedouros para inspiração de obras de arte, que até se confundem com as imagens publicitárias. O que se nota é que a aproximação dos artistas com a cidade permite uma associação de seus trabalhos com o universo da publicidade. Contudo, a visibilidade da obra de arte vai além. Ela é resultante de interações, apropriações e valores, que são criados por meio de trocas de diálogos e olhares, com seus produtores e apreciadores. Estas ligações e diálogos recíprocos revigoram a função social da arte, tornando aparente a ideia de que a arte e a comunidade são elementos interdependentes (Amaral, 2020).

Silva e Iapechino (2010) analisam o grafite como possibilidade educativa, entendendo que ele contém mensagens de protestos e sensibilização, onde a cidade e a comunidade escolar interagem. Nesse contexto de ensino, o grafite pode propiciar o reconhecimento e a valorização da cultura e da subjetividade dos alunos e, inclusive, de alunos grafiteiros e suas tribos, bem como de outras culturas com as quais o grafite dialoga. A escola, como 'espaço de cruzamento de conhecimentos e culturas' (Candau, 2023), tem novas possibilidades a serem exploradas no diálogo com as culturas juvenis e com o grafite.

Como arte de rua, o grafite pode apontar também a opressão sofrida pelas classes menos favorecidas, a privação de seus direitos básicos como saúde, lazer e educação. Silva e Iapechino (2010) afirmam que a sua utilização em sala de aula como escrita discursiva, criaria um ambiente de criticidade e de transformação. A sua leitura pode suscitar olhares voltados aos contextos social, histórico e cultural, de uma comunidade, sendo um instrumento útil à formação cidadã. Nesse ponto, concordando com Gadoti (2005), caberia à escola criar condições que possibilitem a cidadania, por meio da transparência e socialização das informações ou conteúdos curriculares, bem como por suas amplas discussões em benefício de uma postura de abertura e aceitação de outras culturas.

GRAFITE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR FORMAL: ENSINO E APRENDIZAGEM DE

ARTE

Os estudantes por meios das interações e relações cotidianas, do acesso aos saberes historicamente sistematizados, dos conhecimentos construídos, elaboram posicionamentos conscientes dos fatos da realidade. A escola contribui para que conheçam em profundidade, sem as amarras de preconceitos, as relações de trabalho que envolvem cada saber.

Professores têm papel importante na construção de oportunidades, no planejamento e desenvolvimento do ensino, na mediação didática para auxiliar os estudantes na construção de conhecimentos, e no aprimoramento da percepção, sensibilidade, capacidade de fruição, compreensão e consciência de si, do outro e da realidade. Para Libâneo (1991), o professor pode auxiliar de forma precípua no desenvolvimento das capacidades intelectuais e da criticidade dos alunos, diante dos problemas que a sociedade apresenta, em busca de soluções para uma sociedade mais igualitária.

O trabalho do educador de arte perpassa pelo ensino de conceitos e princípios, abertura de momentos favoráveis de interação dos estudantes com as temáticas escolhidas, formas diversificadas de visualização, uso de meios argumentativos, relatos, narrativas imagéticas e escritas, meios elétricos e eletrônicos e textos. Enfim, recorre às mais variadas formas e caminhos, para entender conceitos e princípios.

Para o trabalho com o grafite, neste contexto educativo formal, consideramos que o professor precisa estar atento quanto à especificidade dessa manifestação artística, em seu contexto urbano de elaboração, pois requer um tipo de interpretação que se alinha com a intermediação de significados nele inserido. Muito além de um processo de elaboração de significados, pois são os transeuntes, espectadores e intérpretes que dão existência a imagem de acordo com suas próprias referências, vivência cultural, experiências acumuladas com imagens diversas.

Para Almeida, Oliveira e Costa (2005), no espaço escolar, cabe ao professor fazer uso de táticas de motivação que encaminhem a mudanças no aluno em seu processo de ensino e aprendizagem. São mudanças em seus níveis de esquemas mentais, na sua criatividade e em atitudes e comportamentos, de forma a contribuir para um avanço consciente e responsável. Contribui com essa discussão, a professora Suanno (2015; 2023), quando nos lembra que, nas práticas educativas, é importante um olhar sobre o sujeito aprendente, com todas as suas qualificações intrínsecas, seus aspectos históricos, culturais, biológicos, cognitivos, psicológicos, bem como todos que o qualificam em sua especificidade na relação com o conhecimento, a realidade e a vida.

Concordando com o pensamento de Morin (2008; 2003) e Suanno (2009), consideramos que a formação de professores precisa estar atrelada a uma formação cultural, que pode se dar por meio de atividades de experimentação estética, de aproximação com a Arte e com a literatura. São vivências que aproximam os professores das diferentes linguagens da Arte, da cultura local e universal. A formação cultural pode acontecer durante todo o percurso da vida profissional, não se limitando a uma formação inicial e obrigatória no currículo da universidade. É importante que atividades culturais se tornem habituais em seu caminho formativo, para ampliação de repertório artístico e estético, para construção de novas maneiras de olhar e enxergar a vida, os valores e a sociedade de forma ampla.

Portanto, ao imaginar outras maneiras de realização de práticas e objetivos educacionais que preparam para a vida, não se fixando na transmissão de conhecimentos, podemos delimitar uma tarefa que não se restringe apenas ao educador de arte, mas a toda a ação educativa em seu sentido amplo. Conforme Arriada (2012), é a busca por uma proposta didática de formação de pessoas críticas e preparadas diante dos novos tempos e realidades.

CONCLUSÃO

No contexto atual, é imprescindível problematizar a importância de um ensino de Arte que participe produtivamente do projeto educacional formal, considerando as infindáveis tentativas com pretensões de demarcar a arte em suas funções e sentidos para a formação humana. Assim, diante das condições que envolvem e corporificam as realidades sociais, econômicas, ambientais, tecnológicas e culturais, compreender como se dão as ações que resistem às ordens e imposições de modelos representativos, distantes da realidade social e cultural dos estudantes. Concordando com esse pensamento, Victorio (2013) nos acrescenta, de forma concludente, que são imposições de formas ou posturas padronizadas, que excluem ações destoantes do ritmo previsto na organização curricular.

Diante do que expomos neste trabalho, podemos dizer, que a pesquisa com o grafite possibilita a construção de amplos tipos de leituras, visto que suas visualidades são diferentes de outras formas de manifestações imagéticas urbanas. Isso se dá em razão do contexto atual em que o grafite se instala, podendo contribuir para destravar novas leituras de imagens, que se mostram em lugares cotidianos, de fluxo constante.

Acreditamos, portanto, que as imagens dos grafites carregam um sentido muito representativo, indo muito além de toda sua profusão de cores, formas e desenhos que, inicialmente, atraem os apreciadores e fruidores da obra de arte. Concordando com estes pensamentos, por meio do conhecimento Arte, podemos

pensar em possibilidades educativas, abertas a todas as potencialidades criadoras humanas.

Palavras-Chave: Grafite. Educação Formal. Arte urbana. Ensino e Aprendizagem de Arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S; OLIVEIRA, R; COSTA, N. O graffiti: uma perspectiva de comunicação na educação. In: 4º SOPCOM, **Repensar os media: novos contextos da comunicação e da informação**. Actas... Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. p.359-370. Disponível em . Acesso em 09/04/2022.

AMARAL, Lilian. Ateliê de poéticas urbanas. In: GUIMARÃES, L. M. de B.; PEROTTO, L. U. (Orgs.). **Licenciatura em Artes Visuais: Percurso 6**. Goiânia: CEGRAF-UFG, 2020. p 01-14.

ARAÚJO, A. R. F. de. Fundamentos do Ensino da Arte. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Licenciatura em Artes Visuais: Módulo 2**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2008. p. 8-42.

GADOTTI, M. **A escola na cidade que educa**. Cadernos Cenpec, São Paulo, v. 1, n. 1, 2006, p. 133-139. Disponível em <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160/189>. Acesso em 15/01/2022.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SILVA, R. C. da; IAPECHINO, M. N. K.; **A possibilidade de um “não-possível”**: O grafite em uma perspectiva didática. Revista Encontros de Vista, Recife. v. 6, p. 52-73. 2010.

SUANNO, M. V. R. **Formação Cultural de Professores: Conhecimento e sentipensar**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, p. 9654- 9667, 2009.

SUANNO, Marilza V. R. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

SUANNO, Marilza V. R. Didática complexa e transdisciplinar. In: LONGAREZI, Andréa Maturano; PIMENTA, Selma Garrido; PUENTES, Roberto Valdés (orgs.). **Didática crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023. p. 252-278

VICTORIO, A. Enfrentamentos contemporâneos no ensino formal das artes: a cultura visual, o corpo e a arte. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS**, 22. 2013, Belém. Anais. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/07/Aldo%20Victorio%20Filho.pdf> Acesso em: 18/07/2021